

FONTE : FSP

CLASS. : Yacine 2146

DATA : 22 04 91

PG. : 1-3

O príncipe e os índios

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS

O príncipe Charles está entre nós. Ilustre defensor da causa ecológica, veio favorecer uma aproximação entre a Grã-Bretanha e o Brasil em prol da preservação do meio ambiente. Advento auspicioso, que merece ser saudado, e muito nos honra.

Pena que o potencial que encerra não possa se revelar plenamente aos olhos de todos. Explico-me: o príncipe manifestou a intenção de visitar os ianomami. Mas o projeto foi cancelado —ao que parece por razões de segurança. Charles não vai a Roraima; nem se encontrará com índios em ponto algum do país. Assim, na viagem do príncipe, os povos primitivos são o grande ausente.

Tudo seria simples se a visita aos ianomami não passasse de um capricho insatisfeito, ou se tivesse caráter meramente protocolar. Ocorre que Charles é amigo dos povos da floresta e, nesse sentido, o não encontro com eles, o não-acontecimento, é o acontecimento.

Poucos brasileiros sabem que o tutor de Charles viveu em tribos africanas e sobre as quais escreveu dois livros. Com Sir Laurens o príncipe aprendeu a respeitar os índios e a valorizar sua relação a um só tempo vital e simbólica com a natureza. Os índios são "cientistas ambientais refinados" —disse Charles ao abrir, em fevereiro de 1990, uma série de conferências sobre florestas no jardim botânico em Londres, antes de afirmar: "Devo enfatizar que isso não é nenhum ideal romântico: a chave para apaziguar o conflito entre o desenvolvimento e a preservação se encontra no saber e na cultura daqueles que vivem, trabalham e conhecem a floresta". Dois meses depois, no Kew Garden falavam Ailton Krenak e Davi Ianomami...

Mas o amigo dos índios não vai vê-los; e com certeza o desencontro não é motivado pelo príncipe ou pelas autoridades inglesas. Charles chega num momento bastante perturbador, em que o embate entre duas concepções do desenvolvimento está mostrando aos ambientalistas que as forças desfavoráveis aos povos da floresta estão levando a melhor. Exemplos disso: o infinito adiamento de uma solução favorável aos ianomami, o mantimento da Funai no Ministério da Justiça, a atuação cada vez mais arrogante dos grupos antiecológicos, a constituição do lobby garimpeiro no Congresso, a insolência do governador de Roraima, a declaração do governador do Amazonas na posse de seu secretário do Meio Ambiente: "A preservação é uma idiotice!".

Com efeito, há os que separam o homem do meio ambiente e que congregam desde os garimpeiros e mineradores predatórios até os economistas e cientistas interessados apenas numa exploração mais "racional" e "moderna" dos recursos materiais; e há os que só concebem preservação e desenvolvimento ambiental respeitando os povos da floresta, sua vontade, cultura e tradição, e procurando criar um modelo que harmonize a natureza, o primitivo e o contemporâneo. Há os que lutam para conservar o modelo do desenvolvimentismo, já falido no mundo inteiro e do qual o Brasil é um exemplo eloquente; e há os que querem a mudança de paradigma. Mas os primeiros estão conseguindo impor sua vontade —tanto que, desencantado com o governo e alarmado com as ameaças crescentes sobre seu povo, Davi Ianomami comemora o Dia do Índio visitando instituições internacionais, para pedir-lhes o apoio que não recebe em sua própria terra.

Se Charles encontrasse o pajé ianomami, seria capaz de compreender sua fala. Quando Davi lhe contasse que os "hekura" moram no peito do "xabore" e o tradutor dissesse que o "xamá" invoca e recebe em seu coração os espíritos da floresta, Sua Alteza saberia que não se trata de folclore: mais do que ninguém, o verdadeiro príncipe conhece a realidade e a potência do símbolo, a sua presença.

Charles sabe o que é a nobreza. Como Montaigne, sabe reconhecer a nobreza de espírito que habita os povos primitivos para além da riqueza e do poder, sabe ver o seu valor, a sua "virtù". Porque a nobreza é algo próprio dos povos primitivos, dos reis e dos príncipes, se Sua Alteza se encontrasse com os ianomami, talvez se repetisse a cena relatada pelo "xamá" sioux Blac Elk:

Em 1886 Black Elk esteve em Londres com outros índios, no circo de Buffalo Bill. Um dia a rainha Vitória veio assistir o espetáculo: "Depois de dançarmos, ela falou conosco. Disse algo assim: 'Tenho 67 anos. Em todo o mundo tenho visto todo tipo de gente; mas hoje vi as pessoas mais bonitas que conheço. Se pertencêsseis ao meu reino, não os deixaria mostrá-los num espetáculo desses' ". Dias depois os índios voltaram a vê-la, numa cerimônia oficial: "Quando chegou onde estávamos, sua carruagem parou e ela levantou-se. Então todos levantaram-se e saudaram-na e inclinaram-se diante dela; mas ela inclinou-se diante de nós".

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS, 41, é professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro "Tempo de Ensaio".